

VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E A FORMAÇÃO DE DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**Michele Coelho Valentim¹****Victor Luiz da Silveira²**

RESUMO: Este trabalho investiga a relação entre o conhecimento sobre variação linguística e a formação do professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Para isso, neste trabalho foram analisados questionários respondidos por 26 docentes. Buscou-se analisar o conhecimento dos professores envolvidos acerca de variações linguísticas e de qual seria a abordagem pedagógica utilizada sobre as mesmas em sua sala de aula. Os dados sugerem que existe uma grande barreira neste sentido, possivelmente por uma formação deficitária. Ao docente cabe a busca de uma formação continuada atual e consistente, para que esteja apto a lidar com as variações apresentadas pelos alunos no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Formação docente; variação linguística; preconceito linguístico; Ensino Fundamental.

Linguistic variation and education of elementary school teachers

ABSTRACT: In this paper, we investigate the relationship between linguistic variation and the education of elementary school teachers. To this end, we analyzed questionnaires answered by 26 teachers. We intended to examine teachers' knowledge about linguistic variation and what kind of teaching strategies they are used to applying in their classroom. The data suggest that the difficulty to define linguistic variation can be caused by a deficient teacher education. It is up to the teacher to keep itself in education so that it can work with variations presented by the students in the school routine.

Key words: teacher education; linguistic variation; linguistic discrimination; elementary school.

Introdução

A aquisição da língua materna se processa naturalmente nos primeiros anos de vida da criança, a partir do convívio com falantes em seu meio social. Ao chegar ao ambiente escolar para ser alfabetizada, a criança já traz uma linguagem própria que deve ser acolhida pelo professor alfabetizador, levando-se em conta diversos fatores como contexto social, localização geográfica etc. Segundo Bagno (1999), esta linguagem é a língua tal como é

¹ Pós-graduanda do curso de Especialização em Gestão Integrada da Faculdade de Belford Roxo. m.valentim12@yahoo.com.br

² Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant. Doutor em Linguística. victorluiz.silveira@hotmail.com

aprendida pelo falante em contato com a família e com a comunidade logo nos primeiros anos de vida.

Para Bagno (*idem*), existe uma supervalorização da língua escrita em detrimento da língua falada em sociedades letradas como a nossa, promovendo-se, assim, as chamadas linguagens estigmatizadas e prestigiadas. Segundo o autor, as linguagens estigmatizadas são aquelas oriundas de classes sociais menos favorecidas ou aquelas provenientes de regiões geográficas mais afastadas das metrópoles, ao contrário das linguagens de prestígio, que são aquelas utilizadas pelas camadas sociais mais favorecidas ou nas grandes metrópoles.

Vale ressaltar que, na alfabetização, como em todo o processo de ensino de língua materna nas séries posteriores, a importância da linguagem falada é incontestável, pois ela abarca os processos naturais de variação e mudança, promovendo, assim, sua constante renovação pelos falantes, enquanto que a língua escrita acaba permanecendo estagnada por longos períodos.

O professor, muitas vezes por desconhecimento do tema devido a uma formação deficitária, acaba anulando tudo o que o aluno traz consigo referente à sua linguagem natural, rotulando o “certo” e o “errado” a partir da Gramática Normativa, esquecendo-se de que o principal objetivo da língua consiste na comunicação entre os falantes. Em razão disso, existe um empenho bastante significativo da Sociolinguística Aplicada ao Ensino, um ramo da macrolinguística (LYONS, 1987), em produzir estudos acerca da influência das variantes linguísticas no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, visando a uma formação docente, inicial e continuada, mais consistente e mais crítica no que tange à alfabetização e ao letramento escolar.

No presente artigo investigamos se durante a formação o professor alfabetizador obteve conhecimentos básicos sobre variação linguística e quais as intervenções pedagógicas que o mesmo utiliza em sala de aula no intuito de auxiliar o aluno em processo de alfabetização a complementar seus conhecimentos sobre a língua materna, evitando, assim, o que podemos chamar de preconceito linguístico.

Salientamos que a variação linguística é uma realidade inegável, e cabe aos docentes, principalmente aos alfabetizadores, o dever de acolher as diversas linguagens em sua classe, ensinando regras ortográficas e respeitando as diversidades. Desse modo, é esperado que, gradualmente, o aluno possa compreender que sua fala apresenta marcas características de seu contexto social ou geográfico, mas que sua escrita precisa refletir as regras estabelecidas pela

Gramática Normativa, para que qualquer leitor possa decodificar o que foi escrito e, a partir daí, interpretá-lo e utilizá-lo a seu modo.

Focamos nossa pesquisa no conhecimento acerca das variações linguísticas de origem social (diastrática) e geográfica (diatópica) (COSERIU, 1980). Para tal, analisamos questionários preenchidos por professores de escolas das redes pública e privada de Belford Roxo e municípios vizinhos, regentes em turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Priorizamos essas séries em razão de acreditarmos, conforme documento do Ministério da Educação Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que o processo de alfabetização deve se completar em até três anos após o ingresso do educando no Ensino Fundamental.

Esperamos, desse modo, contribuir cientificamente para um processo educacional de fato integrador, com práticas pedagógicas conscientes e construtivas, abolindo conceitos segregadores e taxativos, tornando os alfabetizandos agentes participativos em seu processo educacional e os docentes como mediadores de uma ação humanizadora.

1 Revisão da literatura

O termo **variação** nos remete à ideia de algo heterogêneo, ou seja, que não é igual sempre e está relacionado ao modo diferente de falar. A variação linguística implica o surgimento de variedades, como os diferentes dialetos de grupos específicos. Segundo Bagno (2007),

a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído.

Ao longo de décadas, inúmeras pesquisas sociolinguísticas têm sido realizadas visando a compreender a relação entre a variação linguística e o sucesso nos processos de alfabetização e letramento.

Sobrinha e Filho (2011), através de um levantamento bibliográfico, propuseram uma discussão sobre a forma como os professores de Língua Portuguesa utilizam em suas aulas a gramática normativa no contexto das variações linguísticas que se apresentam em sala e sobre

as dificuldades que estes enfrentam no ensino da língua materna. Os autores salientam que cada vez mais se observa a necessidade de dinâmicas diferenciadas no processo de ensino, para que o aluno se sinta motivado para a aprendizagem e ao mesmo tempo incluído em seu contexto escolar e social.

Klein (2004) ressalta a importância de o professor alfabetizador ter conhecimento da estrutura e do funcionamento da Língua Portuguesa e também de sua aquisição, para que ele esteja apto a identificar as variações linguísticas existentes entre seus alunos e saiba intervir de forma apropriada, respeitando as variações existentes. Neste sentido, conforme destaca a pesquisadora, o professor deve capacitar-se e mostrar-se favorável ao diálogo com seu aluno, permitindo que este se sinta à vontade ao se expressar e aos poucos possa ser auxiliado em seu processo de alfabetização, livre de preconceitos e repressões.

Ribeiro e Paixão (2011) pesquisaram sobre a visão do docente em torno das variações linguísticas que os alunos utilizam no ambiente escolar. As autoras mostraram evidências favoráveis ao desenvolvimento de uma “pedagogia da variação”. Elas coletaram os dados da pesquisa a partir de suas observações de campo, reuniões periódicas, grupo de estudos, troca de *e-mails* e entrevistas. Os docentes pesquisados lecionavam em turmas de 5º, 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da rede pública de ensino. De acordo com elas, o professor responsável pelo ensino da língua materna ao aluno necessita ter embasamento teórico e promover atividades que facilitem a aprendizagem. A formação continuada foi abordada como fator importante ao docente, pois, embora na atualidade haja uma visão mais ampliada das variações linguísticas, verificamos que o conhecimento destas ainda não é aplicado de forma satisfatória no contexto da sala de aula.

Cordeiro (2006) questiona sobre o conhecimento que professores do Ensino Fundamental têm acerca de variação linguística e qual a repercussão deste conhecimento em sua prática docente. Algumas situações-problema foram apresentadas aos docentes envolvidos no projeto de pesquisa para que os mesmos pudessem se posicionar diante do tema abordado. A autora observou que tais professores aparentavam ter um conhecimento satisfatório sobre variações linguísticas, porém, em suas práticas, enfrentavam o desafio de conduzir seus alunos ao conhecimento da variedade linguística de prestígio sem abandonar sua variedade inicial.

Moreira (2011) aborda em sua pesquisa a relevância do conhecimento sociolinguístico para a prática do docente na alfabetização, enfocando o erro na perspectiva sociolinguística. A autora aponta o “erro” simplesmente como o que é diferente da norma padrão e, devido a esta

diferença, variantes linguísticas não padrão não seriam utilizadas pela classe social de prestígio por serem consideradas simplesmente como erradas. A autora debate sobre o sucesso e o insucesso escolar das crianças em processo de alfabetização, relacionando-os em grande parte aos conhecimentos linguísticos do professor alfabetizador. Para que o professor logre êxito no processo de ensino-aprendizagem de leitura, segundo a autora, faz-se necessário que ele tenha bem claros os conceitos de erro como processo de construção e de estrutura língua materna, aliados à postura de receptividade às variações linguísticas existentes. A metodologia empregada nesse estudo envolveu a pesquisa bibliográfica e de campo, entrevistas, questionários e conversas informais.

Ao concluir sua pesquisa, a autora declara que as professoras observadas não adquiriram conhecimento suficiente para alfabetizar de forma a respeitar e auxiliar o aluno que traz para a sala de aula variações linguísticas. Além disso, ela observa, também, que o processo de alfabetização, quase que em sua totalidade, ainda enfatiza o ensino por decodificação mecânica, não possibilitando que seus alunos se alfabetizem através de usos concretos da leitura e da escrita.

2 Materiais e Métodos

Para a realização desta pesquisa, de caráter predominantemente qualitativo, contamos com a colaboração de 26 professores que, voluntariamente, responderam a um questionário semiaberto, isto é, um questionário que continha perguntas fechadas (9 objetivas) e perguntas abertas (2 subjetivas). Tal instrumento versava sobre: (i) a formação e a experiência do docente; (ii) o conhecimento acerca do conceito de variação linguística; e (iii) as possibilidades de intervenção pedagógica envolvendo questões de variação. Para facilitar a descrição dos dados, os questionários, que não contam com a identificação dos participantes, foram numerados de 1 a 26.

3 Resultados e discussões

Os quadros a seguir (de 1 a 9) apresentam as distribuições das respostas referentes às questões fechadas do questionário:

(i) Atua no momento em sala de aula?

	(n)	(%)
Sim	24	92
Não	2	8
TOTAL	26	100

Quadro 1

(ii) Se sim, atua há quanto tempo?

	(n)	(%)
01 – 05 anos	9	37
06 – 10 anos	5	21
11 – 15 anos	4	17
16 – 20 anos	4	17
21 anos ou mais	2	8
TOTAL	24	100

Quadro 2

(iii) Em qual ano de escolaridade?

	(n)	(%)
1.º ano do EF	8	33
2.º ano do EF	4	17
3.º ano do EF	6	25
4.º ano do EF	4	17
5.º ano do EF	1	4
Não respondeu	1	4
TOTAL	24	100

Quadro 3

(iv) Em qual rede?

	(n)	(%)
Pública	11	46
Privada	13	54
TOTAL	24	100

Quadro 4

(v) Qual é a sua formação?

	(n)	(%)
Normal	14	54
Normal + Licenciatura em Pedagogia	6	23
Normal + Licenciatura em outra área	6	23
Licenciatura em Pedagogia	-	-
TOTAL	26	100

Quadro 5

(vi) Fez pós-graduação (pergunta exclusiva aos 12 graduados)?

	(n)	(%)
Não	7	58
Aperfeiçoamento	-	-
Especialização	5	42
Mestrado	-	-
Doutorado	-	-
TOTAL	12	100

Quadro 6

(vii) Você conhece o termo “Variação Linguística”?

	(n)	(%)
Sim	22	85
Não	4	15
TOTAL	26	100

Quadro 7

(viii) Consegue identificar os casos (pergunta exclusiva aos 22 participantes que afirmam conhecer variação linguística)?

	(n)	(%)
Sim	22	100
Não	-	-
TOTAL	22	100

Quadro 8

(ix) De quais tipos (pergunta exclusiva aos 22 participantes que afirmam conhecer variação linguística)?

	(n)	(%)
Geográfica	1	5
Social	10	45
Ambas	11	50
TOTAL	22	100

Quadro 9

Conforme os dados nos quadros acima, podemos observar que 85% dos colaboradores conhecem o termo variação linguística, o que demonstra que de alguma forma este assunto já se tornou conhecido entre os docentes, tanto aqueles com formação de Curso Normal quanto aqueles com graduação. Inclusive, é interessante notar que a distribuição dos colaboradores formados por Curso Normal e Curso Normal mais a licenciatura é equilibrada (14:12).

Verificou-se, ainda, que 37 % dos questionários apontam que os docentes participantes atuam de 01 a 05 anos no magistério. Estes resultados sugerem que a formação docente na última década já promove, mesmo que de forma superficial, um debate sobre o tema, apesar de sabermos que diversos trabalhos relacionando o ensino à variação e ao preconceito linguístico têm sido produzidos desde o final do século XX. Notamos em alguns questionários certa dificuldade na forma de expressar com palavras próprias o conceito de variação linguística e nas intervenções que o professor deve realizar ao detectar variedades desprestigiadas em sua classe.

De modo geral, encontramos nos questionários definições pouco consistentes, baseadas apenas no significado das duas palavras que compõem o termo “variação linguística”, ou mesmo contradições nas respostas. Os participantes definem como “variação de linguagem”, “sotaque”, “tipos de linguagem”, “gírias”. Como exemplo de contradição, citamos o questionário 11, no qual o participante define variação como “dependente do lugar onde a criança nasceu”, porém no decorrer do questionário admite que só consegue identificar em sua classe variação social.

A definição de variação linguística presente no questionário 3 foi uma das mais consistentes encontradas entre os 26. A professora relaciona em sua definição o conceito de variação com a ideia de variáveis extralinguísticas: “são as variações entre as formas que a

língua portuguesa assume de acordo com os aspectos geográficos, sociais, profissionais e situações vividas pelo indivíduo (criança)”.

Os participantes aparentam entender variação linguística apenas na dimensão externa da língua, ou seja, como resultado de fatores sociais, culturais e regionais. Não se observou nas respostas a noção da dimensão interna da língua; isto é, parece-nos que os participantes da pesquisa não associam variação aos níveis linguísticos (fonético-fonológico, morfossintático, lexical e semântico-pragmático). A única referência à variação interna da língua que aparece nos questionários é ao léxico. Isto nos leva a pensar que a intervenção docente nas questões de variação podem não passar pelo som, pela frase ou pelo contexto de uso.

Quanto às intervenções, os dados sugerem que as professoras não intervêm de forma consistente, porém, procuram respeitar as variedades que se apresentam em sala para não parecerem preconceituosas. Respostas como “procuro conversar com a turma”, “procuro respeitar as variações de cada indivíduo”, “respeito às diferenças”, ilustram bem essa postura. A professora do questionário 3 respondeu: “procuro intervir de forma direta e indireta, conscientizando a turma, aproveito a oportunidade para enriquecer as aulas e, com cuidado para que não haja discriminação, faço, se necessárias, algumas correções”.

No questionário 10, a participante diz que intervém fazendo a apresentação de textos com variações linguísticas. A ideia em si é relevante, porém, não é apropriado somente apresentá-lo. O texto deve ser debatido em sala de aula e o professor deve demonstrar as diferenças existentes nas linguagens, exaltando o respeito, mas enfatizando a importância da escrita padrão. Desse modo, o aluno compreenderá a importância de um código escrito unificado que possa ser entendido por qualquer pessoa, não obstante sua situação social e geográfica.

No que tange, ainda, à intervenção pedagógica, o informante do questionário 12 responde que apresenta a maneira mais adequada de se falar.

O trabalho de intervenção, segundo a maioria dos participantes, está focado na produção de textos escritos, como forma de abordar a variação linguística. Certo é que o docente deveria, concomitantemente aos textos escritos, trabalhar em sua classe a oralidade dos alunos e esclarecer junto a eles as diferenças existentes na língua.

No questionário 21, a professora só possui o Curso Normal, mas trabalha há dez anos em turmas de primeiro ano. Ela define variação linguística como “o conjunto de diferenças linguísticas, faladas pelo mesmo povo”. Quanto à intervenção, a mesma afirma:

converso sobre as variantes e explico que é de uso comum essas variantes, mas que também precisamos conhecer a língua culta, que unifica o povo do país em que vivemos. E que se faz necessário o uso das duas, de acordo com a situação que nos encontramos.

Observa-se que esta professora, apesar de somente ter como formação o Curso Normal, possui uma visão mais ampla sobre o assunto. Ela trabalha as variações através do diálogo, reconhecendo as diferenças e indicando as situações que são adequadas para o uso. O relato dela vem nos indicar que nem sempre o docente licenciado detém mais conhecimento sobre o tema da variação linguística que o não licenciado.

Entretanto, a maior parte dos questionários os quais julgamos apresentar as respostas mais coerentes sobre o tema corresponde àqueles participantes cuja formação é de Curso Normal e licenciatura em Pedagogia, excetuando-se os questionários 03 e 21. As respostas sobre a definição de variação e sobre a intervenção pedagógica presentes no questionário 23 (participante com ambas as formações) reitera tal ideia de coerência sobre o tema:

É o modo pelo qual a língua se diferencia (...) a partir de como os alunos se expressam oralmente, proponho uma reflexão sobre o uso da fala, levando em consideração o contexto social e geográfico de cada um e tendo o cuidado de não rotular ou hierarquizar. Dessa forma as crianças começam a perceber que a língua não está fora dos contextos sociais, culturais e, portanto, toda forma de linguagem precisa ser respeitada. Sendo assim, os supostos “erros” de Português são substituídos por um pensamento de adequação de linguagem.

Ressaltamos que nos questionários 18 e 26, apesar de possuírem formação de Curso Normal e outra licenciatura, os professores afirmaram não conhecerem variação linguística, fato extremamente preocupante em razão da formação acadêmica.

Parece-nos, pela observação dos dados, que durante a formação dos professores, quando é abordado o tema, dá-se muita ênfase ao preconceito linguístico, mas não se apresenta o papel da escola como instituição responsável por ensinar a norma padrão, muito menos a importância que o domínio desta norma pode representar para alunos que possuem um falar/escrever muito distante do padrão.

Creemos ser necessário que os professores alfabetizadores reconheçam de fato a diversidade linguística existente em nosso país, para que, dessa forma, possam alinhar

esforços no intuito do planejamento e da execução de atividades junto a seus alunos, viabilizando um processo de alfabetização inclusivo, dinâmico e concreto.

Considerações finais

Através do presente trabalho, pudemos verificar que existe uma grande dificuldade em se conceituar variação e, em alguns casos, não obstante a impossibilidade da conceituação, o docente percebe a variação linguística e intervém sobre ela de modo coerente com as propostas da literatura especializada.

Outro aspecto que nos chama a atenção é que muitos professores não levam em consideração a oralidade no trabalho com variação. Isto se evidencia pela constante referência à produção textual (escrita) como proposta de intervenção.

Cabe ao docente não considerar a variação linguística como algo em seu aluno que deve ser corrigido, pois, a este se deve apresentar a forma escrita conforme as normas ortográficas vigentes, porém sua linguagem deve estar isenta de avaliação, já que esta faz parte de seu contexto de vida.

Atualmente ainda podemos verificar a incidência de docentes alfabetizadores que não se sentem seguros em suas classes, quanto ao que se pode chamar de “certo” e “errado”, principalmente no que diz respeito à fala de seus alunos. Devido a esta insegurança, o professor desconhece a intervenção adequada às situações referentes à variação linguística em sala de aula. Os termos “certo” e “errado” encontram-se em destaque, pois remetem a uma postura inadequada e preconceituosa, que deve ser banida definitivamente da sociedade. Espera-se que a escola como espaço integrador inicie este processo. Sendo assim, faz-se necessário uma mudança de valores e atitudes frente a situações de exclusão e discriminação no ambiente escolar. Ao docente cabe a busca de uma formação continuada atual e consistente, para que esteja apto ao posicionar-se frente às situações abordadas neste estudo.

Espera-se que o educando se integre ao ambiente escolar e, assim, sinta-se acolhido e respeitado independente de sua linguagem e que o docente possa estar sempre se atualizando e buscando novas posturas frente a situações de preconceito linguístico que ocorrem há muito tempo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Afiliada, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (Org.). Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Brasília, 2012. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

CORDEIRO, D. R. Variação linguística: considerações acerca das práticas docentes. In: 29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd, 2006, Caxambu (MG). 29ª Reunião Anual da ANPEd. Anais...: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos, 2006.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

KLEIN, Marta Virgínea Machado. A Importância da Linguística na Formação do Professor Alfabetizador. Revista Eletrônica da Feati, Revista eletrônica da FEATI, 2004.

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1987.

MOREIRA, J. G. A relevância do conhecimento sociolinguístico para a prática docente na alfabetização: do estatuto do erro ao reconhecimento da diversidade linguística. UNEB: Salvador, 2011.

RIBEIRO, P. R. O. ; PAIXÃO, M. V. M. A Sociolinguística na sala de aula: o que pensam os professores? In: V Encontro das Ciências Sociais da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2011, Natal-RN. Anais do V ECLAE, 2011.

SANTOS SOBRINHA, C. S.; MESQUITA FILHO, O. P. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? Revista Anagrama (USP), v. 4, pp. 1-10, 2011.

Recebido em 12/02/2015.

Aceito em 17/05/2015.